

OUTROS OLHARES

Desconstrução dos estereótipos indígenas¹

Cláudio Antônio de Oliveira Carvalho

Estudante de Letras/Literatura (UFF)

Para problematizar os estereótipos criados sobre os indígenas, precisaríamos, a princípio, fazer uma visitação ao nosso passado e analisar como foi o processo de exploração do continente americano. Os povos originários das américas sempre existiram aqui no continente. No território brasileiro, os portugueses, ao se estabelecerem aqui, e com a resistência dos indígenas presentes ao processo exploratório, precisaram hierarquizar as raças a fim de colocar em prática tal processo. A princípio precisaram nomear os nativos e os chamaram de índios. A partir daí, por conta da resistência contrária à dominação dos colonizadores, concomitante a todo o processo de extermínio dos nativos e da sua cultura, foram atribuídos uma série de termos pejorativos e depreciativos que perduraram na história e seguem vivos na nossa cultura, tais como animal, canibal, preguiçoso, sujo etc.

A princípio, em ambiente escolar é preciso que, no dia 19 de abril, vulgarmente conhecido como o dia nacional do índio, haja uma desconstrução do nome índio, e toda a carga depreciativa que existe nessa palavra, e que seja apresentado novas maneiras desses grupos étnicos serem chamados e conhecidos. Ora seja pelos nomes em que os cientistas sociais lhe chamam, muito embora seja um modo não-indígena de nomeá-los, mas também mostrar a diversidade étnica que existe nos diferentes das etnias. Apresentar no caso, que índio é algo que é depreciativo, indígena é um nome mais usual e que não lhe confere um valor ofensivo, no entanto é algo que generaliza os diversos grupos étnicos, e apresentar a diversidade étnica em seus nomes. O estereótipo indígena criado com o passar dos anos, para que seja de fácil compreensão – com tanga, cabelo de cunha, pena na cabeça, desnudo – homogênea a diversidade estética e cultural de um grupo étnico. No espaço escolar, pode ser trabalhado a desconstrução da estética indígena, onde, pode ser explorado as diferentes pinturas corporais que, podem significar ritos de passagem, proteção do grupo ou do indivíduo, cerimônias de casamento, de luto ou cura de doenças ou a função guerreira ou religiosa, onde numa sociedade não-indígena e com o estereótipo criado, é retrato nos livros didáticos como algo relacionado apenas a uma questão artística. No que diz respeito à indumentária, o uso de poucas vestimentas está diretamente

¹ Texto produzido no âmbito do curso “Olhares sobre a História, Arte, Cultura e Resistência a partir da Literatura Indígena”, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2019, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

relacionado ao contato do indígena com a natureza, dando a eles um valor de homem selvagem, homem primitivo, sobretudo uma pessoa que não está inserida na sociedade moderna. O que não é verdade. Os indígenas estão inseridos sim na sociedade, não somente isso, mas também fazem uso de vestimentas, o que antes do contato com os não-indígenas é sabido que também já o faziam. É importante dizer que em cada grupo étnico existe diferença nos variados elementos que caracterizariam um indígena em seus estereótipos, ou seja, as pinturas corporais seriam diferentes de cultura para cultura, assim segue para os adereços, cocares, vestimentas, utensílios para os afazeres em suas tribos.

Para que haja uma desconstrução desses estereótipos, é preciso, além de um intenso debate no espaço escolar, que possam conceder a voz e o lugar de fala para que um indígena apresente o seu ponto de vista sobre isso e mostre um pouco de sua cultura e assim a desconstrução seja feita justamente pelo lado oprimido da história.

Uma visão (des)construída sobre a cultura indígena

No primeiro módulo foram abordadas muitas temáticas sobre o universo indígena. Nos vídeos fui capaz de perceber que existe um sentimento latente de pertencimento dos indígenas com as florestas, com a mata, com o verde. É evidente que, durante o processo de escolarização vigente, somos a todo momento estimulados a ligar o indígena à floresta. Mas nesse processo, o que não é debatido ou estimulado a imaginarmos, que existe um sentimento de pertença e uma resistência social e cultural dos povos indígenas. Isso muito por conta da marginalização dos povos indígenas pela sociedade colonizadora.

Algo que me chamou bastante atenção, e durante este primeiro módulo eu fui me desconstruindo a cada vídeo e leitura, foi o uso de vestimentas as quais é comum as que eu também faço uso. Eu sei que os indígenas estão completamente integrados na sociedade de um modo geral, seja na universidade, seja nas grandes metrópoles, embora não seja a integração desejada e que lhes sejam correspondentes, mas no meu inconsciente foi introduzida pelo sistema uma imagem do indígena primitivo, sem utensílios que são comuns aos meus, e que não fosse fácil assimilar a figura do indígena com tais utensílios e vestimentas.

O processo de demarcação me chamou muita atenção também. É comum ler notícias em periódicos e jornais sobre invasores nos territórios indígenas, seja para o desmatamento, caça, garimpo etc. Mas poder ouvir os indígenas se posicionando sobre o que ocorre, o descaso sistemático do governo sobre o que é de direito deles, sobre a demarcação do seu território, é algo para que se possa refletir.

Ouvir os cantos dos indígenas é algo que até o dado momento não tinha visto ou ouvido. Seria tão misterioso em seu significado quanto ouvir um cantor norueguês interpretar uma música qualquer em seu idioma. Pensar que esses povos indígenas são capazes de produzir arte, com essa visão convencional que temos, é algo que é para ser desconstruído.

De um modo geral, saber que existe uma literatura sendo produzida pelos indígenas é algo que foi surpreendente para mim, até o dado momento não imaginava que existiria interesse da comunidade indígena em produzir uma manifestação artística escrita para a sociedade em geral. Também não imaginaria que a existência dessa literatura fosse tão rica e cheio de complexidades como é a tal literatura.